

Editorial: A Antropologia da Saúde e a Covid-19 no Brasil

É com grande alegria que apresentamos aos nossos leitores e leitoras o número 20 da Revista Equatorial. Este número conta com o dossiê intitulado “A Antropologia da saúde na pandemia da Covid-19: reflexões teóricas, metodológicas e éticas”, organizado por Ana Paula Marcelino da Silva do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Fernanda Gabriele de Moura Pires do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O dossiê é composto por sete artigos, nos quais diferentes autores se propõem a pensar quais foram os efeitos em termos teóricos, metodológicos e éticos causados pela pandemia da Covid-19 no campo da Antropologia da Saúde.

Os autores e autoras do dossiê se inserem no campo da Antropologia da Saúde, considerado um fértil terreno etnográfico no qual confluem práticas, agenciamentos sociais dos sujeitos, comunidades e populações, assim como das ações do Estado e suas implicações diante da pandemia. Além dos sete artigos que compõem o dossiê, temos uma importante entrevista com redes de pesquisa centrais no que diz respeito aos estudos sobre a Covid-19 no Brasil. Apresentamos também dois artigos, uma resenha e dois ensaios visuais, todos publicados em nosso fluxo contínuo.

Iniciando a seção de artigos em fluxo contínuo, temos o trabalho: “A pandemia de Covid-19 nas prisões do Maranhão: reflexões sobre isolamento e comunicação” elaborado por Karina Biondi e Yasmin de Sousa Andrade, vinculadas à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). O texto trata do contexto da pandemia da Covid-19 e de seus desafios e consequências no sistema prisional brasileiro. Por meio de uma Antropologia dos Documentos, o caso estudado trata do sistema penitenciário no estado do Maranhão. As autoras trataram os Diários da União do Estado do Maranhão como documento base para

compreender casos de infecção e mortes de presos pela Covid-19, expressando, dessa forma, que as prisões não estão isoladas, como se afirmou durante a pandemia. Neste contexto, a existência dos fluxos penitenciários ficou ainda mais evidente. Isso comprova a centralidade e as múltiplas dimensões dos fluxos nas prisões entre os *de dentro* e os *de fora*.

Ainda nessa seção temos o trabalho intitulado “Intolerância contra as religiões afro-brasileiras: o paradoxo da liberdade religiosa e a (in)eficiência da prestação jurisdicional” com autoria de Lorrán Lima vinculado a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Itallorran de Oliveira Caldas da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Os autores apresentam um diálogo interdisciplinar entre Antropologia e Direito com o intuito abordar a prestação jurisdicional nos casos de intolerância contra as religiões de matriz africana, com destaque para a importância da liberdade religiosa para esses grupos. Além disso, realizam uma análise do histórico da liberdade religiosa nas constituições brasileiras. Os autores apresentam aspectos da intolerância contra às religiões por meio de casos de práticas de infrações penais e, por fim, explanam sobre a ineficiência da prestação jurisdicional em tais casos. Lorrán e Itallorran, em seu texto, nos provocam a pensar em uma educação antirracista como caminho para a valorização das culturas afro-brasileiras, para que, de fato, tenhamos um combate mais efetivo a tais crimes.

No número 20 destaca-se a resenha intitulada “Dupla fratura: quando o ambientalismo e o colonialismo navegam juntos”, escrita por Leide Joice Pontes Portela da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) do livro “Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo Caribenho” (2022) de Malcom Ferdinand. A autora ressalta a conexão entre a destruição ambiental e o colonialismo, enfatizando a exploração colonial da terra e a escravidão como fatores fundamentais. Ela destaca que a luta ambiental deve estar intrinsecamente ligada à crítica colonial, pois ambas têm origens comuns desde a colonização. Em seu livro, nos mostra Portela, Ferdinand argumenta que a exploração genocida de indígenas e negros, juntamente com outras formas de violência e opressão, estão intimamente ligadas às degradações ambientais. Assim, as lutas antirracistas e anticoloniais são essenciais para uma abordagem a partir de uma *ecologia decolonial*. Portela conclui que as resistências, como as dos quilombolas e marronagens no Caribe, representam uma via para uma ecologia global que transcende as divisões da modernidade.

Na seção destinada aos ensaios visuais, Silvia Ayelen Koopmann, do Instituto de Antropología de Córdoba (IDACOR), apresenta o ensaio visual “*La gruta de Raúl: marcas territoriales en un barrio popular de Córdoba Capital, Argentina*”. Koopmann destaca fotos dos *Cortadores de ladrillos* (tijolos), desafiando a narrativa policial sobre o bairro como um local

de delinquência. Ela discute os assassinatos de jovens periféricos, como o caso de “*El Gordo Raúl*” e os movimentos de ativismo dos pais, mães e vizinhos contra a injustiça e violência policial, o que resultou na construção de uma memória territorializada nas grutas. Raúl, assassinado pela polícia em 2017, é lembrado por uma gruta, que Koopmann descreve como um portal pelo qual a comunidade lida com a morte e busca significados. As grutas e as fotografias se tornam espaços de encontro, celebração e comunicação com os falecidos.

O segundo ensaio, intitulado “Máscaras em trânsito: fotoetnografia na pandemia da Covid-19” foi escrito por Waldson de Souza Costa da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Lucas Barreto de Souza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O trabalho de campo foi realizado entre junho e dezembro de 2020 em Maceió (AL) e Salvador (BA). O objetivo dos autores foi observar as transformações e significados do uso de máscaras durante o período da pandemia. Costa e Souza destacam os diferentes usos das máscaras em ambientes públicos, considerando que estas permanecem como objetos interativos no mundo, relacionando-se com questões ambientais e urbanas. O ensaio oferece uma análise rica dos trânsitos por meio das máscaras, o que pode contribuir para estudos tanto na antropologia urbana, quanto na visual.

Acreditamos que os textos compilados no fluxo contínuo do número 20 refletem com excelência as questões e dilemas relacionados aos métodos e ética na Antropologia da Saúde, especialmente no contexto da pandemia da Covid-19, além de outras áreas de interesse antropológico. Esperamos que este número possa inspirar novas interpretações e, ao mesmo tempo, promover o avanço das conexões entre as diversas áreas do conhecimento com a Antropologia.

Boa leitura!

Louise Caroline Gomes Branco

Membro da Equipe de Edição de Seção /Doutoranda em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Norte